



CIENTISTAS BRASILEIRAS EM MOVIMENTOS: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA CIENTÍFICA FEMINISTA NO XXXI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Palavras-Chave: Mulheres na Ciência, Política Científica, Redistribuição

Autores/as:

SAMARA ALVES NEGRÃO SANTOS – IFCH/UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). MARIANA MIGGIOLARO CHAGURI (orientadora) – IFCH/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho se propõe a analisar as questões ligadas à justiça social dentro da relação entre ciência e gênero, visando identificar como as políticas de promoção de inclusão social e busca por equidade de gênero operam no âmbito das universidades. Assim, o ponto de partida é compreender que a desigualdade social no Brasil, que tem rosto de mulher (Barroso & Gama, 2020), também se reproduz e é produzida dentro do ambiente acadêmico e universitário.

Desse modo, a partir de situações apresentadas em periódicos científicos quanto às diferentes facetas da desigualdade de gênero dentro do ambiente em questão, é possível constatar que existe uma diversidade de nuances de diferentes ordens, que envolvem tanto questões estruturais da universidade como questões particulares que afetam/prejudicam a vivência científica. Logo, fica evidente que a carreira acadêmica é pautada a partir das relações de poder associadas a concepções de gênero.

Porém, ainda que haja uma diversidade de questões relativas aos impactos da desigualdade de gênero dentro das universidades, é evidente que há um movimento crescente de projetos e iniciativas que mobilizam a temática da mulher na ciência, que não desarticula o espaço privado (doméstico) do espaço público (universidade).

Face ao exposto, a análise realizada buscou mapear as iniciativas de mulheres na ciência, buscando identificar como essas experiências podem estar apontado para modos de ler e disputar as mediações entre gênero e ciência que podem levar à construção de uma política científica feminista. Em última instância, construir uma conversa entre essas iniciativas que apontem os caminhos do futuro da ciência.

METODOLOGIA:

A pesquisa foi dividida em 3 fases. Na primeira fase, foi realizada revisão bibliográfica de debates recentes sobre a desigualdade de gênero presente no ambiente acadêmico. Assim, para a construção do panorama geral quanto a questão de gênero nos baseamos no trabalho da Barroso; Gama (2020), BenHabib (1996), em relação aos reflexos da desigualdade de gênero na academia nos baseamos no Ambrosini (2012), Atanázio (2016), Castro ; Chaguri (2022), CNPq (2022), Elsevier (2017), Fiocruz (2022), Hilário; Kloster (2021), Menegon (2022), Moschkovich; Almeida (2015), Siqueira (2016), Unesco (2021). Além dessas obras, a pesquisa visa observar a constituição da mulher enquanto cientista, bem como sua trajetória, tendo em vista as múltiplas vivências e narrativas buscando compreender mais profundamente a constituição coletiva dos ativismo, em vista disso temos como base Silva; Ribeiro (2014) e Santos (2016).

Na segunda fase, foi realizado um mapeamento das associações e iniciativas de mulheres cientistas em todo país que possibilitasse a criação de um banco de dados, buscando compreender as particularidades de cada um dos projetos a partir de determinadas características, tais quais “área do conhecimento”, “ano de criação”, “ano do encerramento”, “âmbito de associação”, “iniciativa transnacional”, “define-se pela área do conhecimento”, “define-se pela instituição de ensino”, “define-se pela raça”, define-se pela parentalidade”, “perfil da iniciativa”, “organograma”, “parceiros”, “financiadores ou investidores”, “objetivos”, existência de website, youtube e redes sociais.

Em uma terceira fase, foram selecionadas 5 iniciativas para a realização de entrevistas, quais sejam: Leia Preta; Girl Up; Investiga Menina! UFG; Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e Rede Brasileiras Mulheres Cientistas. Todas as entrevistas foram realizadas de forma online.

DISCUSSÃO:

Preliminarmente, nas entrevistas com a Carolina Araujo da Rede de Mulheres Filósofas e com a Gabriela do Leia Preta foi possível observar que há um incômodo inicial quando o sujeito enunciatador do discurso científico é uma mulher:

“Não importa o que você estude, há uma pressão de que você não é exatamente a pessoa que se esperava para enunciar aquele discurso” (Carolina, entrevista 05/07/2023)

“As vezes eu sinto que algumas críticas na universidade questionam se eu realmente sou cientista. Eu sinto que quando a gente compreende um pouco os nuances da branquitude nesse espaço, as vezes o que as pessoas dizem sobre o seu texto é mais sobre o que você naquele espaço.(...) Na universidade tem que fazer um esforço de ser vista nesse lugar, de estar autorizada a estar naquele lugar, de fazer parte desse lugar que é racista, misógino mas eu quero transformá-lo” (Gabriela, entrevista 07/06/2023)

É observado também que, as mulheres estão mais presentes nas áreas de humanas, o que gerou uma forte presença de iniciativas e projetos nas áreas de exatas e STEM. Ainda, foi evidenciado nas entrevistas que as mulheres das exatas sentem a desigualdade de gênero de forma mais intensa em relação as mulheres nas humanas. Na entrevista com a Geisa do Investiga Menina!

UFG é notório a falta de reconhecimento e representação das cientistas mulheres dentro do instituto de química:

“Quando a gente fala de produtividade, no próprio instagram do instituto de química da UFG, quando tem algum prêmio que alguma professora recebeu, um edital que ganhou (...) é surreal, por que todas as vezes eles fazem uma notinha pequena e coloca lá, mas quando é um professor tá lá estampado em todos (...) no instagram, na página do instituto, e não é só uma vez, eles ficam a semana, quase o mês todo postando fulano pegando o papelzinho, fulano pegando a plaquinha. Quando é qualquer uma das outras professoras é um notinha só e uma passada de stories, só isso” (Entrevista em 16/06/2023)

Cabe frisar que, a desigualdade de gênero está presente em todas as áreas e universidades. Contudo, há que se destacar que existem áreas, como as humanas, que a presença de políticas representativas mascaram a concentração de poder no sujeito universal, o homem cis e branco. Ou seja, a diferença entre políticas de representação e redistribuição é essencial para a pesquisa, dado que a partir dessas categorias é possível evidenciar redistribuição de poder ou a ausência desta.

Outro ponto de destaque tem relação com o acesso ao poder, dado que há uma dificuldade ou até impossibilidade das mulheres assumirem cargos de gestão e gerência dentro das universidades. Cumpre ressaltar que, mesmo nos cursos em que as mulheres são maioria no corpo docente, estão excluídas dos cargos de mando, ou seja, não acessam espaços hierarquicamente superiores dentro das universidades. Na entrevista com a Geisa do Investiga Meninas! UFG, é notório a concentração do poder no sujeito masculino branco:

“Acredito que não teve nenhuma mulher na direção do instituto da química. (...) Nos tivemos há quatro anos atrás uma professora que foi candidata, e ela é produtividade Cnpq, ela tem competência, e assim ela desenvolve um trabalho excelente. (...) mas, os votos foram muito menores.” (Entrevista 16/06/2023)

Ainda, uma questão que chama a atenção nas iniciativas é a mobilização da maternidade dentro da carreira acadêmica. O cuidado do lar e dos filhos, enquanto atividade inerente ao feminino, interfere diretamente nas experiências e oportunidades das pesquisadoras mulheres, dado que as métricas de produtividade não levam em consideração tais aspectos. Cumpre frisar que, como observado nas falas de algumas entrevistadas, o trabalho do cuidado não se restringe apenas a maternidade, dado que a socialização do feminino passa necessariamente por esse aspecto que influi na vivência da mulher cientista.

“Percebo também como a gente enquanto mulher no fazer pesquisa, está sobrecarregada de outras formas, a minha vida não é só o mestrado. Tive que trabalhar também, mas isso são fatores de renda que incluem, mas também sou uma mulher atribulada com as coisas da vida (afazeres domésticos, pessoais), acho que isso é uma carga que eu lido e outras mulheres também. (...) Dentro das dinâmicas das pressões sobre a produtividade na pós graduação, na experiência do mestrado, quando você está em um turma que são apenas 5 mulheres, as pressões que recaem sobre você tem um tom diferente. Então, acho que isso ressoa emocionalmente de outras formas. (...) Acho uma carga emocional e

psicológica muito intensa” (Gabriela do Leia Pretas, entrevista em 07/06/2023)

É necessário ressaltar que, mesmo havendo um enfoque na análise de gênero devido a questão de recorte de objeto, a presente análise não pode deixar de salientar que há uma multiplicidade de narrativas e vivências que vão além do gênero. Em específico, nas entrevistas e no banco de dados, é evidente a mobilização feita pelas cientistas entre raça e gênero na construção dos projetos e na idealização de uma política científica feministas. O que demonstra a urgência de admitir a existência de lugares e espaços em que as narrativas e saberes de mulheres pretas não reverberam (Hilário e Menegon, 2022). Algo perceptível durante as entrevistas::

“Como cientista, eu acho que existe desde que a gente entra na universidade um modus operandi de ser um cientista social. Você faz pesquisa assim e assado, você escreve assado e assim, você se porta assim e assado no evento. Então, existe uma normativa que é muito branca, muito masculina sobre como a gente deve existir enquanto cientista social. Eu acho que ao longo do tempo fui percebendo o que eu gostaria de ser, portar, escrever, agir enquanto uma cientista social negra.” (Gabriela do Leia Pretas, entrevista em 07/06/2023)

“Essas desigualdades, além do aspecto de gênero, tem aqui aspectos que vão trazendo interseção (...) seja de raça, etnia, classe social. E, portanto se você me perguntar qual momento que estamos, acho que em uma melhor momento de compreensão dessas desigualdades e da importância de se entender esses recortes, para que a gente possa ter um instrumento diagnóstico que nos permita trazer vez e voz” (Sueli da Rede de Mulheres Cientistas, entrevista em 28/07/2023)

Portanto, a partir das múltiplas vivências e narrativa o que se busca, a partir das entrevistas, é estabelecer uma conversa entre as interlocutoras dos projetos selecionados visando salientar os caminhos das lutas feministas dentro da ciência.

CONCLUSÕES:

Como conclusão, voltamos à hipótese inicial de que os ativismos não desarticulam os espaços privado e público, compreendendo ambos como espaços de reprodução de vida. Como é possível observar a partir da revisão bibliográfica e das falas das entrevistas, a desigualdade de gênero é reproduzida na academia, bem como é produzida dentro desses espaços, sendo impossível dissociar as dinâmicas de poder do âmbito doméstico (privado) e do profissional (público).

Em vista disso, o que se apresenta a partir das entrevistas é um panorama de articulações científicas de mulheres, que apesar de interseccionadas por diferentes vivências, em áreas do conhecimento e universidades, há uma mobilização que escancara a desigualdade de gênero na ciência. E não apenas, ainda é possível observar a construção de uma conversa entre as narrativas que apontam para a construção de uma política científica feministas.

Em suma, podemos citar a analogia feita pela entrevistada Carolina Araújo ao se referir a Rede de Mulheres Filósofas como uma tragédia grega, na qual cada guerreiro está em um portão para defender a cidade que vai ser invadida:

“Essa ideia de um guerreiro em cada porta, acho que é a ideia que a gente quer pensar...) A gente precisa se conectar para saber que tem um em cada lugar porque senão a gente acha que está sozinho, mas o saber que está lá e trocamos informações, mas não é pra dizer que estamos em uma mesma estrutura e defendendo sequer a mesma coisa. Estamos defendendo uma ideia, estamos tentando não ser excluídos.” (Entrevista em 05/07/2023)

Por fim, a análise proposta no presente trabalho reflete exatamente essa ideia acima, dado que há uma conversa entre os diferentes projetos e iniciativas, que constroem uma história coletiva de luta que aponta em certa medida para a construção de uma política científica mais paritária pautada em medidas que promovem redistribuição.

BIBLIOGRAFIA

- AMBROSINI, A. B. O perfil dos diretores de unidades universitárias e chefes de Depto da UFRGS. Monografia de Especialização em Gestão Pública. Santa Maria; 2012.
- ATANÁZIO JR, J. M. et al. Mulheres em cargos gerenciais na Universidade Federal de Sergipe. I Congresso Nacional de Mestrados Profissionais em Administração Pública. Curitiba; 2016.
- BARROSO, H; GAMA, M. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. *Revista Do CEAM* 2020; 6: 84–94.
- BENHABIB, Seyla. *Democracy and difference*. Princeton-NJ: Princeton University Press, 1996.
- CANDIDO, M; CATELANO, O; FREITAS, G; CHAGURI, M. Projeto “Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais”. ANPOCS, 2022
- CASTRO, B; CHAGURI, M. Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista. *Blog Dados*; 2020. <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/> (acessado em 12/mar/2022).
- CNPq. <https://www.youtube.com/watch?v=7ppM4QE0fOM> (acessado em 16/mar/2022).
- ELSEVIER. Gender in the Global Research Landscape. Analysis of research performance through a gender lens across 20 years, 12 geographies, and 27 subject areas. https://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0003/1083945/Elsevier-gender-report-2017.pdf (acessado em 14/ mar/ 2022).
- FIOCRUZ - Mulheres na ciência. <https://portal.fiocruz.br/mulheres-e-meninas-na-ciencia> (acessado em: 17/ mar/ 2022).
- MOSCHKOVICH, M; ALMEIDA, AMF. Desigualdade de Gênero na Carreira Acadêmica do Brasil. *Dados* 2015; 58: e201558.
- HILÁRIO, R.; MENEGON, V. Mulher Preta e cientista: transgredir para resistir. <https://pp.nexojournal.com.br/ponto-de-vista/2022/Mulher-preta-e-cientista-transgredir-para-resistir> (acessado em 12/ mar/ 2022).
- SANTOS, V. Uma “perspectiva parcial” sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016
- SILVA, F; RIBEIRO, P. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher” . *Educ.*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014
- SIQUEIRA, RFB et al. A presença de docentes mulheres em cargos gerenciais nas universidades federais do estado de Minas Gerais. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL* 2016; 9: 49–69.
- UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. <https://www.unesco.org/reports/science/2021/en> (acessado em 08/mar/2022).